

Área: Sustentabilidade | Tema: Educação e Sustentabilidade

A FAKE SCIENCE DAS MULHERES NA HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO

FAKE SCIENCE OF WOMEN IN THE HISTORY OF COOPERATIVISM

Stela Luciani Stein, Kellerman Augusto Lemes Godarth e Amanda Cristina Ferraça

RESUMO

Após surgir dúvidas sobre a possível existência de uma mulher entre os pioneiros da “Rochdale Equitable Pioners Society Limited”, considerada a primeira cooperativa moderna, nasceu a questão de quem teria sido essa dama e a iniciativa de uma pesquisa bibliográfica. Anteriormente possuía-se algumas informações contraditórias de diversas fontes e materiais didáticos importantes, como a de que Ann Tweedale teria auxiliado na fundação da mesma, juntamente com 27 tecelões, assim seria a primeira mulher associada em uma cooperativa. Porém, no filme “Os Pioneiros de Rochdale” cita-se o nome de uma senhora, denominada Sra. Croft, que aparece em uma cena pagando sua cota social. Entretanto, questiona-se: quem foi a primeira mulher cooperada? Após diversas pesquisas, encontrou-se no site do museu de Rochdale o primeiro livro ata da mesma, na qual surpreendentemente constatou-se que não havia uma mulher oficialmente como pioneira. A partir de então, consultaram-se várias fontes científicas, nas quais não foram encontradas menções a esta Fake Science. Consultando o site Google Acadêmico (scholar.google.com.br), foram encontrados 43 menções a tal mulher pioneira, tanto em periódicos, quanto em trabalhos acadêmicos. Desta forma, a pesquisa tem por objetivo principal refutar a afirmação de que houve uma mulher entre os vinte e oito fundadores da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Também alertar sobre a importância de se discutir a Fake Science no meio acadêmico.

Palavras-Chave: Fake Science, mulheres, cooperativismo, Rochdale

ABSTRACT

After doubts arose about the possible existence of a woman among the pioneers of the Rochdale Equitable Pioners Society Limited, considered the first modern cooperative, the question arose of who this lady was and the initiative of a bibliographical research. Previously there was some contradictory information from a number of important sources and teaching materials, such as that Ann Tweedale would have helped to found it, along with 27 weavers, so she would be the first woman associated in a cooperative. However, in the movie “The Pioneers of Rochdale” the name of a lady named Mrs. Croft is mentioned, who appears in a scene paying her social quota. However, the question is: who was the first cooperated woman? After extensive research, the Rochdale Museum's first book was found on the Rochdale Museum website, in which it was surprisingly found that there was no officially pioneer woman. From then on, several scientific sources were consulted, in which no mention was made of this Fake Science. Consulting the Google Scholar website (scholar.google.com.br), we found 43 mentions of such a pioneer woman, both in journals and academic papers. Thus, the research's main objective is to refute the claim that there was a woman among the twenty-eight founders of the Rochdale Pioneer Society. Also warn about the importance of discussing Fake Science in academia.

Keywords: Fake Science, women, cooperativism, Rochdale

A FAKE SCIENCE DAS MULHERES NA HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO

1. INTRODUÇÃO

O cooperativismo moderno, como é conhecido atualmente, teve seu marco inicial no período da Revolução Industrial, em Rochdale na Inglaterra, onde um grupo de trabalhadores, em sua maioria tecelões, reuniu-se e criou uma cooperativa baseada na venda de produtos, ficando conhecidos como Probos Pioneiros de Rochdale.

A iniciativa da pesquisa aqui apresentada surgiu em uma aula do curso técnico em cooperativismo integrado ao ensino médio, onde se assistiu ao filme “Os Pioneiros de Rochdale” (1993), sobre a história desta cooperativa e como ela se constituiu. Posteriormente discutiu-se e analisou-se o papel da mulher na sociedade desta época e informações transmitidas pelo filme, comparando essas informações com as absorvidas anteriormente surgiram algumas dúvidas a respeito de quem teria sido oficialmente a primeira mulher a se associar em uma cooperativa.

Havia, anteriormente, informações contraditórias em diversos sites e importantes materiais didáticos, tais como a de que Ann Tweedale teria sido a primeira mulher sócia em uma cooperativa e juntamente com 27 tecelões fundado a Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale. Porém, no filme, deu-se a entender, que uma mulher denominada Sra. Croft, também obteve sua cota social na mesma, em uma cena onde, supostamente, a senhora teria solicitado o ressarcimento do valor por receio de que a cooperativa não obtivesse sucesso, contudo, hesitou em sua decisão.

Inicialmente, a pesquisa abordava como objetivo identificar quem de fato teria sido a primeira mulher oficialmente cooperada. Até verificar-se que diversas fontes constam essa tecelã e pioneira não existente, incluindo algumas muito relevantes para o cooperativismo nacional, como por exemplo, a apostila intitulada “Introdução ao Cooperativismo” (REISDORFER, 2014), da rede e-Tec Brasil, utilizada em cursos EAD na Rede Federal (pág. 26) e a “Revista ESPACIOS” (Vol. 35, n.12, 2014).

O objetivo atual é, principalmente, refutar a afirmação de que houve uma mulher entre os vinte e oito tecelões fundadores da “Rochdale Equitable Pioners Society Limited”, e demonstrar que essa informação tornou-se uma *Fake Science* amplamente divulgada no cenário acadêmico do Cooperativismo.

2. O PAPEL FEMININO NA HISTÓRIA

O papel feminino na sociedade é um tema um tanto quanto delicado, porém, que já passou por importantes transformações. As mulheres estão deixando para trás muitos conceitos machistas impostos pela sociedade desde a antiguidade. Entretanto, sabemos que alguns séculos atrás esses preceitos eram ainda mais rigorosos.

Por muito tempo os homens eram os únicos a terem domínio de bens e poder, portanto, quem realizava essas relações comerciais e de negócios eram os mesmos. Pode dizer-se que as mulheres nunca detiveram este papel social, pois eram submissas a seus maridos, e eles, por sua vez, realizavam ações de caráter político e econômico. Mulheres não possuíam poder sobre seus direitos, e durante muito tempo foram impedidas inclusive de responder por si próprias.

Para tentar reverter esta lamentável situação, a ONU – Organização das Nações Unidas criou os “Objetivos de Desenvolvimento Sustentável” ou ODS, onde em sua 5º ODS assegura a igualdade de gêneros e o empoderamento feminino.

Para Olinto (2011),

Por que tratar das diferenças de gênero? Qual a sua importância e urgência? A força do argumento econômico é evidente, sendo este recorrentemente colocado em

destaque em muitos estudos. De fato, em primeiro lugar, a desigualdade entre homens e mulheres pode ser considerada um desperdício: Deixar as mulheres para trás significa não somente desprezar as importantes contribuições que as mulheres trazem para a economia, mas também desperdiçar anos de investimento em educação de meninas e jovens mulheres.

Segundo Chassot (2004), “As mulheres fazem grandes contribuições para o desenvolvimento científico, mas o conhecimento e a divulgação da participação feminina na ciência ainda são precários. As explicações para tamanha diferença entre os sexos e essa “invisibilidade” feminina são pelo menos duas, que parecem válidas: a primeira histórica e a segunda biológica. Na própria História da Ciência se identifica a ausência de cientistas femininas há milênios; isto acontece quando vemos que ainda nas primeiras décadas do século XX, a Ciência estava culturalmente definida como uma carreira imprópria para a mulher, da mesma forma, na segunda metade do século XX, as profissões estavam destinadas a um gênero específico” (CHASSOT, A; 2004).

3. PRIMÓRDIOS DO COOPERATIVISMO

Como citado anteriormente, o cooperativismo moderno iniciou-se no período intitulado Revolução Industrial, esse processo de industrialização e mecanização teve origem exatamente na Inglaterra, semelhante ao cooperativismo.

Devido a dificuldades como desemprego, baixos salários e horários de trabalho exorbitantes, 28 trabalhadores da cidade de Rochdale-Manchester juntaram suas economias quase que escassas, para montarem seu próprio armazém que baseava-se na venda de produtos como centeio e trigo. Esses estabeleceram princípios que ainda hoje são considerados a base do cooperativismo.

A idéia já tinha sido proposta antes em diversos lugares do mundo, todavia, foi apenas no dia 21 de dezembro de 1844 que estes indivíduos, moradores desta pequena localidade, buscando uma alternativa para sobreviver ao capitalismo e suas condições quase desumanas, obtiveram êxito ao executar suas propostas.

Figura 1 - Alguns dos fundadores da cooperativa de Rochdale – Inglaterra



Fonte: Museu de Rochdale (2019)

Baseado na ajuda mútua, a cooperativa abrangia em seus princípios valores muito nobres como a solidariedade, a democracia e a equidade. O sucesso obtido foi o incentivo que outros grupos precisavam para colocarem em prática a criação de outras instituições cooperativas.

4. FAKE SCIENCE

Como já se sabe, é de muita importância o cuidado na hora de escrever qualquer tipo de documento, com a escolha de fontes confiáveis. Entretanto, é comum o descuido e algumas informações acabam sendo alteradas, em um determinado momento, de maneira que as torna falsas. Se difundidas principalmente por fontes consideradas seguras, conseqüentemente essas informações científicas podem ser reconhecidas como verdade até que se prove o contrário.

O termo “*Fake Science*” é utilizado para denominar essas afirmações que não estão corretas, de acordo com a perspectiva científica. Por esse motivo não devemos levar em consideração apenas o local de onde o conteúdo científico é retirado.

Fake science, também chamada de pseudociência, algo que quer se passar por ciência sem ter o seu rigor. Existem critérios para diferenciar a pseudociência da ciência, pois, como diz o filósofo da ciência Bruno Latour, “o objetivo da ciência não é produzir verdades indiscutíveis, mas discutíveis”. As verdades discutíveis são refutáveis e “verdades” indiscutíveis são pós-verdades, “verdades” da pseudociência. No entanto, em tempos pós-verdadeiros, a atividade científica é também ameaçada pela falta de rigor nos mesmos cuidados necessários para identificar as fake news cotidianas. A ciência, que por construção idealizada deveria ser imune à pós-verdade e à produção de sua versão falsa (*fake science*), verifica-se que também esse território do conhecimento humano está sendo invadido por opiniões e crenças que se sobrepõem ao rigor científico.

Considerar a fonte é fundamental na ciência, bem como consultar especialistas. Os especialistas no caso podem ser as bases de dados para buscas bibliográficas, com ferramentas cada vez mais acuradas para encontrar o que se busca em prol da ciência, mas também para aferições bibliométricas tão presentes na avaliação da atividade científica. O cânone dessas bases é conhecido como *Web of Science*, considerada a mais seletiva que existe. As buscas são feitas no repositório de mais de 10 mil revistas científicas indexadas após uma seleção rigorosa de acordo com os critérios que guiam a prática da publicação acadêmica. A popularidade do seu uso, além do de outras bases como o *Scielo* e a *Scopus*, levou a uma confiança quase absoluta nela: se algum artigo é encontrado ali é porque é correto e crível, pois a base garante que o artigo passou pela revisão por pares antes de ser publicado, um dos vários critérios para que a revista seja incluída na base. Como se está também na ciência a limitação aos terrenos disciplinares cada vez mais especializados, passa despercebido que essa base, no entanto, dá guarida a revistas que promovem a *fake science*.

Para identificar a *fake science* não é suficiente perguntar aos especialistas, sejam bibliotecários ou bases de dados no mundo virtual. É importante seguir outras precauções, como ler mais, ir além do título e ver o conteúdo completo.

5. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho gira em torno de uma coleta de dados, o procedimento foi o levantamento de dados. Uma pesquisa de levantamento de dados disponibiliza diversas opções aos gestores e analistas diante do mercado no qual a sua empresa está inserido. É importante entender que os dados precisam ser puros, sem a alteração de terceiros.

É indutiva, se baseia em uma quantidade pequena de dados que serve para uma quantidade grande de utilizações, É um método baseado na indução, ou seja, numa operação mental que consiste em se estabelecer uma verdade universal ou uma referência geral com base no conhecimento de certo número de dados singulares.

A finalidade da pesquisa é aplicada pela abordagem quantitativa, que se baseia em dados concretos, dados quantitativos visam coletar fatos concretos: números. Dados quantitativos são estruturados e estatísticos. Eles formam a base para tirar conclusões gerais da sua pesquisa.

Seus objetivos são uma pesquisa exploratória e descritiva, a pesquisa descritiva tem por objetivo descrever as características de uma população, de um fenômeno ou de uma experiência. Esse tipo de pesquisa estabelece relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado. Variáveis relacionadas à classificação, medida e/ou quantidade que podem se alterar mediante o processo realizado.

6. DESENVOLVIMENTO, APRESENTAÇÃO DE DADOS E PESQUISA

Buscando por respostas em livros, revistas, apostilas e sites, encontraram-se imagens do livro ata da Cooperativa de Rochdale com sua respectiva transcrição no site oficial do “Rochdale Pioneers Museum”. Após verificarem-se os nomes dos pioneiros, constatou-se que não havia nenhuma mulher entre eles, conforme a tabela 1, apesar de muitas fontes respeitáveis afirmarem que vinte e sete tecelões e uma tecelã foram os fundadores da cooperativa.

Tabela 1 – Lista dos pioneiros fundadores da cooperativa de Rochdale, ocupação, atuação na cooperativa e orientação política.

| Pioneiros de Rochdale | | | |
|-----------------------|------------------|-------------------------|---------------------|
| Nomes | Ocupação em 1844 | Atuação na cooperativa | Orientação política |
| Benjamin Jordan | Não referenciada | Não referenciada | Cartista |
| Benjamin Rudman | Tecelão | Não referenciada | Cartista |
| Charles Howarth | Operário | Secretário | Socialista |
| David Brooks | Estampador | Encarregado das compras | Cartista |
| George Healey | Tecelão | Não referenciada | Socialista |
| James Bamford | Sapateiro | Conselheiro | Congregacionalista |
| James Daly | Marceneiro | Não referenciada | Socialista |
| James Maden | Tecelão | Não referenciada | Cartista |
| James Manock | Tecelão | Não referenciada | Cartista |
| James Smithies | Operário | Não referenciada | Socialista |
| James Standing | Tecelão | Não referenciada | Socialista |
| James Tweedale | Sapateiro | Não referenciada | Socialista |
| James Wilkinson | Sapateiro | Não referenciada | Unitário |
| John Bent | Alfaiate | Conselheiro Fiscal | Socialista |
| John Collier | Mecânico | Conselheiro | Socialista |
| John Garside | Marceneiro | Não referenciada | Socialista |
| John Hill | Carpinteiro | Não referenciada | Unitário |
| John Holt | Costureiro | Primeiro Tesoureiro | Cartista |
| John Kershaw | Guarda | Não referenciada | Cartista |
| John Scowcroft | Vendedor | Não referenciada | Unitário |
| Joseph Smith | Operário | Comissão de compras | Socialista |
| Miles Ashworth | Tecelão | Primeiro Presidente | Cartista |
| Robert Taylor | Tecelão | Não referenciada | Socialista |
| Samuel Ashworth | Tecelão | Primeiro Gerente | Cartista |
| Samuel Tweedale | Tecelão | Conferente | |
| William Cooper | Tecelão | Primeiro Caixeiro | Socialista |

| | | | |
|-------------------------------------|---------------------|--|--------------------------|
| William Mallalieu William Taylor | Lixeiro Livreiro | Conselheiro (suplente) Não referenciada | Socialista Socialista |
|-------------------------------------|---------------------|--|--------------------------|

Fonte: Elaborado pelos autores com dados do Museu de Rochdale (2019).

Passou-se a consultar diversas fontes científicas, principalmente os repositórios institucionais das dez maiores universidades brasileiras segundo o ranking do Ministério da Educação (MEC) medido pelo Índice Geral de Cursos (IGC) de 2017, das quais se destaca a Universidade de São Paulo (USP). Entre os diversos materiais consultados nestes repositórios não se constataram nenhuma menção a tal mulher.

Posteriormente, decidiu-se recorrer ao *Google Acadêmico* (scholar.google.com.br), onde entre os materiais analisados foram encontradas 43 menções à mulher pioneira, que deste modo, faziam o uso desta *fake science*. Após as análises de diversos dados, no que se diz respeito a utilizar esta falsa informação, e portanto, chegaram-se aos seguintes números:

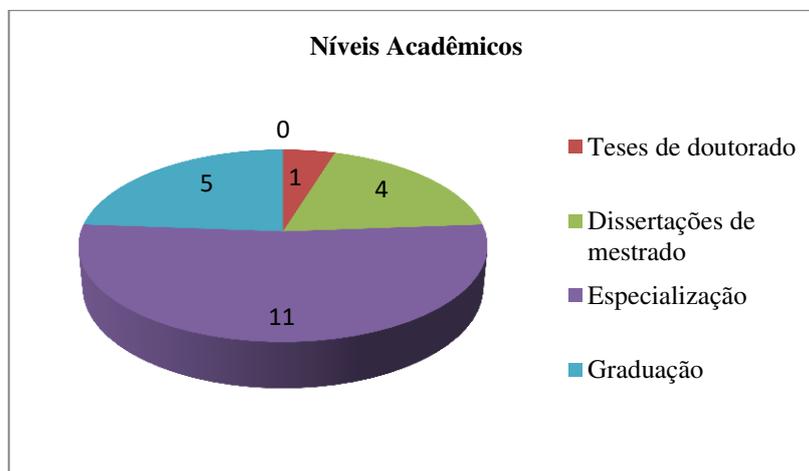
Tabela 2 – Trabalhos discentes por níveis acadêmicos e instituições.

| Trabalhos Acadêmicos | |
|----------------------------------|-----------|
| Níveis Acadêmicos | |
| Teses de doutorado | 1 |
| Dissertações de mestrado | 4 |
| Especialização | 11 |
| Graduação | 5 |
| Total | 21 |
| Instituições | |
| UFRGS | 4 |
| UNIOESTE | 2 |
| UNESC | 2 |
| Outras Instituições Federais | 6 |
| Outras Instituições Particulares | 6 |
| Outras Instituições Estaduais | 1 |
| Total | 21 |

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

Entre trabalhos de especialização e graduação, com destaque em universidades respeitáveis como a UFRGS, e regionais, tais como UNIOESTE e UNESC, além de outras 6 de universidades federais, 21 trabalhos encontrados detinham esta informação falsa (tabela 2).

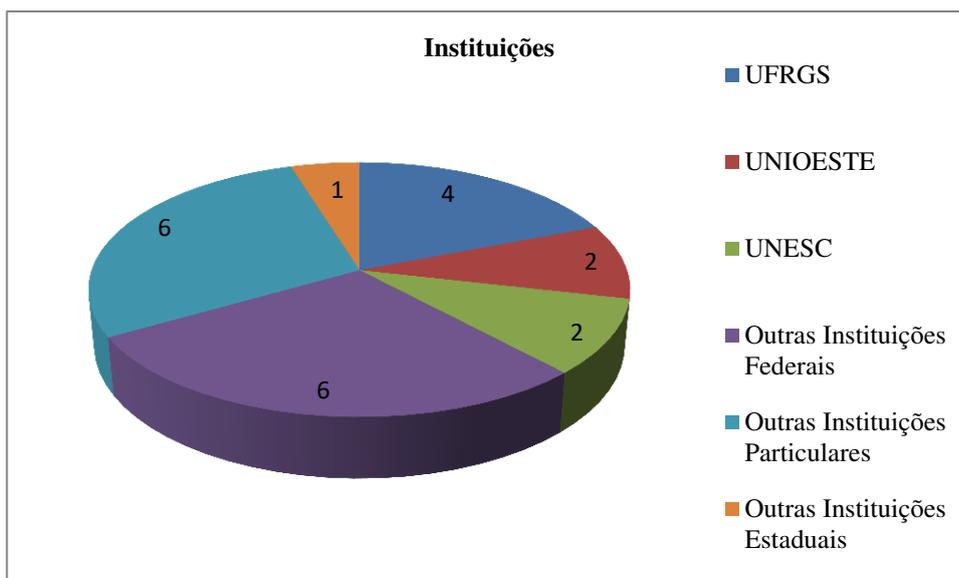
Figura 2 – Gráfico dos trabalhos discentes classificados por níveis acadêmicos



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

O fato de haver uma tese de Doutorado que faz uso dessa *fake news* demonstra que o problema é grave, e o assunto merece ser discutido mais amplamente pela academia. São quatro dissertações de mestrado, fase acadêmica onde o pesquisador está em formação, e dessa forma o cuidado com as fontes de dados deve ser muito rigorosa, pois logo depois estes acadêmicos em formação serão os professores que estarão formando novas gerações. Se casos como estes passarem despercebidos, corre-se o risco de termos uma geração esculpida em informações falsas.

Figura 3 – Gráfico dos trabalhos acadêmicos por instituições.



Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

Muito destaca-se também as instituições onde estes trabalhos foram realizados. Importantes universidades constam da lista, conforme o gráfico da figura 3. Considera uma das melhores universidades do Brasil por diversos *rankings* nacionais e internacionais, foram 4 trabalhos de acadêmicos da UFRGS que utilizaram a *fake science* da primeira mulher cooperada entre os 28 tecelões de Rochdale. Outras seis pesquisas realizadas em universidades federais também apresentaram o mesmo erro. No imaginário popular, tais instituições formam os melhores profissionais de cada área, e jamais acreditariam que pesquisas feitas em suas carteiras e laboratórios poderia utilizar-se de fontes não confiáveis.

Tabela 3 – Artigos científicos separados pelas suas respectivas classificações no Qualis-CAPES.

| Periódicos: Classificação segundo a Qualis Capes | |
|--|-----------|
| B1 | 1 |
| B2 | 4 |
| B3 | 4 |
| B4 | 3 |
| C | 1 |
| Sem Qualificação | 4 |
| Sem Referência | 5 |
| Total | 22 |

Fonte: Elaborado pelos autores com dados da pesquisa (2019).

As demais 22 menções foram publicadas em periódicos, principalmente mais recentes, de 2013 à 2016, onde ganham ênfase as revistas RGC (Revista de Gestão e Organizações Cooperativas) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o único periódico específico da área do cooperativismo no Brasil, classificado no Qualis Capes como B4. Também os periódicos Espacios (B1), Alcance, REN (Revista Econômica do Nordeste) e Organizações em Contexto, estas três classificadas como B2 (tabela3).

Esses números representam a importância para a pesquisa científica brasileira do cuidado com o que se escreve e com as informações que são transmitidas tanto por trabalhos acadêmicos, quanto por qualquer outro tipo de texto científico. Com os dados apresentados pode-se perceber que esta *Fake Science* foi amplamente difundida, inclusive entre grandes nomes da ciência nacional.

7. ANÁLISE DE RESULTADOS OBTIDOS

Por fim, após verificar que muitos autores, mesmo que não intencionalmente, utilizaram desta *fake science*, e em seguida analisar-se a ata oficial da “Rochdale Equitable Pioners Society Limited” chegamos a concordância de que a primeira mulher cooperada só se oficializou em 16 de março de 1846, ou seja, aproximadamente 15 meses após a criação da cooperativa, sendo ela Eliza Brierley, mulher de um dos pioneiros, William Cooper, que com apenas uma libra se tornou oficialmente uma associada da Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale.

Sendo assim foram vinte e oito homens que fundaram inicialmente a mesma, apesar de se ter citações de que uma mulher influenciou para que isso fosse possível. E constatou-se também que apesar de dirigir-se normalmente aos mesmos como tecelões, apenas parte deles realmente trabalhavam na tecelagem.

8. CONCLUSÃO

O objetivo inicial não se esclareceu da maneira esperada, após consultar ao livro ata da cooperativa, onde foi esclarecido que na verdade não havia nenhuma mulher entre os pioneiros, foi restabelecido um novo objetivo e ainda mais desafiador.

Portanto, conclui-se que o objetivo atual foi alcançado de forma que ficou claro que não houve uma mulher entre os pioneiros fundadores, e que posteriormente a primeira mulher associada à Sociedade dos Probos Pioneiros de Rochdale foi Eliza Brierley.

Os empecilhos que limitaram ao longo da pesquisa e da elaboração deste trabalho científico foram principalmente os materiais e fontes apresentados em uma língua distinta da dominada pelos autores. Além da falta de recursos para entrar em contato com a produtora do filme citado, que por sua vez também é internacional.

Almeja-se dar continuidade a pesquisa, e pretende-se esclarecer quem teriam sido as duas mulheres citadas como cooperadas, Ann Tweedale e a Sra. Croft, para que se possa compreender como chegamos a esta *Fake Science*. Também temos como objetivo verificar se esta informação foi difundida apenas entre a ciência brasileira, ou está presente também no exterior.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Cleia et al. Marketing Social: estudo de caso na cooperativa agropecuária do estado do Tocantins. Caderno Profissional de Administração da UNIMEP, v. 3, n. 2, p. 1-13, 2013.

- BRATTI, Francielli Elias. Análise de crédito: uma proposta para redução da inadimplência em uma cooperativa de crédito da região sul de Santa Catarina. 2012.
- BUENO, Paulo Fernando Zanardini. Gênero e cooperativismo: a participação das mulheres nas cooperativas de trabalho. 2001.
- CENTENARO, Angela Ester Mallmann. O IMAGINÁRIO DA MULHER GAÚCHA EM RELAÇÃO AO COOPERATIVISMO. Revista Ciências Sociais em Perspectiva, v. 13, n. 25.
- CHASSOT, A. Saberes Populares fazendo-se saberes escolares: uma alternativa para a alfabetização científica. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 5., 2004, Curitiba. Anais... Curitiba, 2004
- College Students' Views of Work–Life Balance in STEM Research Careers: Addressing Negative Preconceptions Anna Tan-Wilson and Nancy Stamp. CBE—Life Sciences Education. Vol. 14, 1–13, Fall 2015
- CREDIT, Cooperative. Satisfação do associado: Um estudo aplicado aos serviços ofertados por uma Cooperativa de Crédito. Revista ESPACIOS| Vol, v. 35, n. 12, 2014.
- CRISTOFOLI, Fulvio. A crescente expansão das cooperativas de serviço no Brasil. Revista Organizações em Contexto, v. 2, n. 3, p. 182-198.
- DA SILVA, Juliano Domingues; MARCELINO, Thiago Gabriel. COOPERATIVISMO E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE CORUMBATAÍ DO SUL: estudo da Cooprocor. Revista Catarse, v. 1, n. 1, p. 24-36, 2013.
- DE AZEVEDO, Janamaina Costa Bezerra; BARBOSA, Ycarim Melgaço. Cooperativas Habitacionais em Goiânia. Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde, v. 41, n. 1, p. 57-68, 2014.
- DE OLIVEIRA LEITE, Ana Cláudia. A Flexibilidade nas Relações de Trabalho e o Cooperativismo. Revista de Ciências Gerenciais, v. 12, n. 14, p. 69-84, 2015.
- DE SOUZA, Lindomar José. ASPECTOS MOTIVACIONAIS E EXPERIENCIAIS DA ADERÊNCIA AOS SERVIÇOS EM UMA COOPERATIVA DE CRÉDITO MINEIRA.
- DIEL, Fernanda Camila; LEISMANN, Edison Luiz. Identificação do perfil e das percepções de associados de cooperativa de crédito no estado do Paraná. Revista de Gestão e Organizações Cooperativas, v. 1, n. 1, p. 43-53, 2014.
- DOMINGUES FELICIO, João Carlos; CRISTOFOLI, Fulvio. O ressurgimento do movimento cooperativista de trabalho no Brasil. Revista Brasileira de Gestão de Negócios, v. 6, n. 15, 2004.
- DURLO, Avani Rubin; DA SILVA CARLESSO, Stèle Bicca. O controle interno e as cooperativas. Revista Eletrônica de Contabilidade, v. 2, n. 3, p. 199, 2005.
- FRANKEN, Lucas. Estudo dos fatores motivacionais e inibidores em relação à participação dos associados com a Cooperativa Triticola Santa Rosa Ltda-Cotrirosa. 2015.
- GASPAR, Karina da Silveira. Lideranças femininas em uma instituição financeira de natureza cooperativa: análise das condições que viabilizam as mulheres chegarem a cargos de liderança executiva. 2016.
- GONÇALVES, Alan Milanez. Inadimplência de crédito na pessoa jurídica: um estudo em uma cooperativa do sul de Santa Catarina. 2016.
- HOFF, Márcio. Assentamento Trinta de Maio: ações e contradições entre educação e trabalho em uma cooperativa de produção agropecuária. 2010.

- ILHA, Paulo César da Silva et al. Uma análise comparativa da competitividade das cooperativas agroindustriais, do Oeste do Paraná, sob as perspectivas econômico-financeiras, tecnológicas de produção e dos mercados. 2015.
- JESUS, Luciana Habby de. Governança corporativa e controles internos em uma cooperativa de crédito. 2016.
- JÚNIOR, Bandeira; PINTO, Chateubriand. Uma abordagem do modelo conceitual de gestão de Oliveira, na atual administração de cooperativas: estudo de caso na creduni. 2014.
- LUZ, Newton Wiethorn da et al. Análise da gestão de uma cooperativa de trabalho médico através do processo decisório: um estudo de caso da Unimed-Florianópolis. 1998.
- MACEDO, Jhonattan Heber de Souza. O cooperativismo como meio de inserção social de produtores familiares do Núcleo Rural Rio Preto-DF. 2013.
- MATOS, Paulo Rogério Faustino; RIBEIRO, Fábio Gondim. Análise do comportamento otimizador das cooperativas de crédito nas Regiões Norte e Nordeste. *Revista Econômica do Nordeste*, v. 41, n. 2, p. 331-354, 2010.
- MAVRIPLIS, C., Beil, C., Dam, K., Heller, R., Sorensen, C., (2010). An Analysis of the FORWARD to professorship Workshop - What Works to Entice and Prepare Women for Professorship? In: Godfroy-Genin, A.S. (ed.) *Women in Engineering and Technology Research: The PROMETEA Conference Proceedings*. LIT Verlag, Berlin.
- MORAIS, Maria Cristina de. Cooperativa habitacional autofinanciável: uma alternativa de mercado à escassez de financiamento. 2004. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- MULINARI, Marieli; DE SOUZA RITTERBUCH, Diana. Perfil dos colaboradores das cooperativas de crédito frente à essência do cooperativismo. *Revista de Administração*, v. 9, n. 16, p. 59-76, 2010.
- OLIVEIRA, Sabrina da Costa de et al. O perfil das cooperativas leiteiras fluminenses e a adoção de práticas ambientais conservacionistas. 2014.
- PARISOTO, Solange. Cooperativas de crédito do SICREDI/RS e o crédito rural: uma análise sobre a produção de alimentos e energias tradicionais e sustentáveis. 2017.
- PEREIRA, Alexandre Pocai. Cooperativismo florestal: histórico e oportunidades. 2015.
- PEREIRA, Meire Joisy Almeida; SANTOS, Antonio Ronildo Viana. Cooperativismo na Amazônia setentrional: caminhos e descaminhos. *Revista de Administração de Roraima-RARR*, v. 3, n. 1, p. 187-210, 2013.
- REISDORFER, Vitor Kochhann. Introdução ao cooperativismo / Vitor Kochhann Reisdorfer – Santa Maria : Universidade Federal de Santa Maria, Colégio Politécnico, Rede e-Tec Brasil, 2014.
- RODRIGUES, Débora da Silva. Cooperativas de Trabalho. 2005. Universidade Candido Mendes.
- SAGGIN, Aline; ALVES, Adilson Francelino. Quem são as mulheres participantes do cooperativismo no Paraná?. *Orbis Latina*, v. 7, n. 3, p. 210-218, 2017.
- SANTOS, Ana Claudia Valverde. A contribuição do cooperativismo de crédito solidário no fortalecimento da identidade territorial: o caso do sistema ASCOOB e sua atuação no território do Sisal, Bahia/The contribution of solidary credit cooperativism to the strengthening of (...). *Caderno de Geografia*, v. 28, n. 52, p. 106-124, 2018.

SANTOS, David Ferreira Lopes; DAMIÃO, Danielle Riegermann Ramos; DA COSTA MOURA, Marcos Marciel. A Evolução e Limites do Cooperativismo. Estudo de Caso: COOPERCAJU. Revista de Ciências Jurídicas, v. 12, n. 2, 2015.

SEBALHOS, Oldemar Reis. Gestão de manutenção: uma abordagem sobre a implantação de um sistema de manutenção em uma planta industrial de uma cooperativa. 2006.

SOUZA, Alice Brito. OS TRABALHADORES RURAIS E O PROCESSO DE FORMAÇÃO DA COOPERATIVA DE DOCES DA COMUNIDADE PORTO DE AREIA DE PARANAÍTA-MT, 2010-2015. Revista Eletrônica da Faculdade de Alta Floresta, v. 4, n. 2, 2015.

TAVARES ARAÚJO, Elisson Alberto; CASTRO SILVA, Wendel Alex. Sociedades cooperativas e sua importância para o Brasil. Revista Alcance, v. 18, n. 1, 2011.

VEDOVATTO, Eliana; BERGHAUSER, Neron Alípio Cortes. A auditoria interna como ferramenta de gestão nas cooperativas de crédito. INFOCOS-Instituto de Formação do, p. 169, 2009.

VIANA, Claucio Benedito Rodrigues. As vantagens de ser um cooperado em cooperativas de crédito. 2007.